

Resenha recebida em:
05.03.2016
Aprovada em:
27.11.2016

Liliane de Lucena Ito
Doutoranda em Comuni-
cação pela Unesp (Bauru,
SP). Mestre e jornalista
pela mesma instituição.
Bolsista Capes. E-mail:
lilianedelucena@gmail.
com

RESENHA: É Preciso Pensar a Crise do Jornalismo

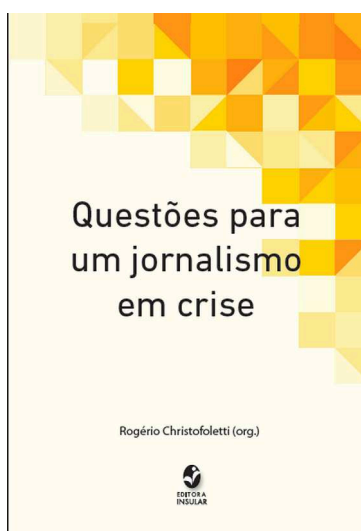
Liliane de Lucena Ito

“O jornal im-
p r e s s o
desapare-
cerá”; “vi-
vemos um
momento
de democracia midiática”; “todos po-
dem ser jornalistas com a web 2.0”.
Estas e outras tantas frases prontas
buscam sintetizar cenários complexos
sobre o futuro e o presente do jornalis-
mo, numa tentativa apressada de ofe-
recer respostas definitivas a questões
que, apesar de urgentes, encontram-se
em visível mutação. Fugir de prognós-
ticos radicais é, no entanto, a propos-
ta de *Questões Para um Jornalismo em
Crise* (Editora Insular), publicado pelo
Programa de Pós-Graduação em Jor-
nalismo da Universidade Federal de
Santa Catarina e organizado pelo pro-
fessor Rogério Christofolletti, pesqui-
sador referência no Brasil sobre crítica da
mídia e ética jornalística.

Resultado das reflexões de 20
pesquisadores (que,
em sua maioria, são
também jornalistas)
reunidos em disci-
plina ministrada por
Christofolletti na pós-
graduação, o livro traz
discussões referentes
à crise do jornalismo
nos âmbitos da produ-
ção, distribuição, re-
cepção e do modelo de
negócio da atualidade
e do futuro.

A abrangência do título é condi-
zente à amplitude dos assuntos trata-
dos. Ora sob o enfoque dos estudos de
caso, ora abordando questões mais am-
plas e de caráter transversal, cada artigo
oferece sua contribuição para a refle-
xão sobre a crise do jornalismo, seja ao
discorrer sobre as variadas matrizes – o
impresso, o televisado, o rádio, o digital
– como também ao discutir elementos
que tangenciam o tema, como a crítica
da mídia e a paródia; as novas formas
de se medir a audiência; a relação entre
jornalismo e redes sociais; a execução
da prática jornalística por amadores;
o ensino da profissão mediante alte-
rações curriculares em andamento no
país e a reflexão fundamental sobre os
limites e as prerrogativas da imprensa
no que se refere à privacidade.

A obra é, assim, relevante e ne-
cessária por trazer discussões extre-
mamente atuais: alguns de seus temas
simplesmente não existiam – ou não
eram discutidos – há apenas uma dé-
cada. Tais discussões,
mesmo que iniciais em
alguns casos, alimentam
reflexões inclusive sobre
teorias clássicas do jor-
nalismo (especialmente
a Teoria do *Gatekeeper* e
da *Agenda Setting*), uma
vez que, na atualidade, a
convergência midiática e
cultural aliada às poten-
cialidades da web 2.0 al-
teram significativamente
relações de produção e



recepção das notícias, possibilitando ao leitor um posicionamento ativo jamais visto até então.

Assinado pelas mestrandas Anna Russi e Magali Moser, e pelo doutorando Maurício Oliveira, *O que o futuro nos reserva?* é o texto que abre o livro e funciona como uma introdução para as próximas páginas. Lembra-nos que, assim como ocorre agora com a internet, houve momentos em que a chegada de um novo meio provocou certa crise no jornalismo impresso. Com a grande diferença de que rádio e televisão mostraram-se, com o passar dos anos, complementares ao jornal, enquanto que a internet é um meio abrangente em si mesmo.

Em *A Crítica de Mídia pode ajudar a superar a crise?*, do mestrando Adriano Araújo, amplia-se o debate para a necessidade de regulamentação da mídia no Brasil, tema protelado por conta de claros interesses de partidos políticos e empresas que monopolizam os meios de comunicação e que, inevitavelmente, mantêm as amarras da imprensa. A temática também está presente em *A paródia do jornalismo contribui para sua crise representativa?*, do mestrando Ricardo Sékula, uma vez que aqui são analisados elementos comunicacionais como memes, produzidos por pessoas comuns, anônimas, com a finalidade de apropriação e ressignificação paródica dos discursos oriundos da imprensa tradicional. O público, graças às ferramentas tecnológicas atuais, é capaz de revelar perspectivas ignoradas pela imprensa, além de tecer críticas ao perfil editorial dos veículos e ao despreparo do jornalista diante de determinadas situações.

O leitor pode estranhar a quantidade de perguntas ocupando o lugar de títulos, mas vale reiterar a proposta do livro: trazer questões que acendam o debate em torno de seus temas. Assim, *Qual o papel das novas ferramentas na transformação do jornalismo?*, dos mestrandos Kérley Winques e Ricardo Torres; *Já temos uma alternativa para a reportagem multimídia?*, do doutorando Alexandre Lenzi; *Que novas possibilidades a segunda tela traz para a TV?*, das

mestrandas Mariane Ventura e Tássia Alexandre; *É possível pensar um rádio esportivo pós-industrial?*, de Jéssica Gonçalves, mestranda, e *Dez anos depois, como estão os newsgames brasileiros?*, de Ana Paula Bourscheid e Carlos Marciano, ambos mestrandos, são textos que oferecem pertinentes reflexões sobre a influência das novas tecnologias no produto jornalístico em si.

Tais artigos focam características, possibilidades e também limitações do jornalismo pensado para o patamar de consumo atual – em que o leitor passa a ser também usuário, pois aprecia formatos jornalísticos criativos que promovem a interação. Esse mesmo leitor-usuário informa-se por meio de elementos totalmente diferentes da notícia em seu padrão tradicional, seja via *posts* em redes sociais como também em *newsgames*. Soma-se a essas transformações no consumo – que influenciam os formatos oferecidos hoje – a questão da maneira como ocorre a leitura do material jornalístico, cada vez mais através de dispositivos móveis.

Mesmo extremamente relevante, ao ponto de centralizar o debate realizado nos cinco capítulos citados anteriormente, a tecnologia não é apresentada como único fator determinante para as transformações pelas quais o jornalismo passa na atualidade, erro de visão ainda comum entre alguns profissionais da área e que se reflete, por exemplo, na análise sobre a audiência de sites jornalísticos. A doutoranda Lívia Vieira sugere, em *Vale tudo pelo clique?*, que o atrelamento de decisões editoriais unicamente a métricas de acesso pode ser um grande erro na maneira de compreender os novos índices de consumo sobre o que é publicado on-line.

Já *Como profissionais e amadores usam o Facebook para fazer jornalismo?*, dos mestrandos Alexandre Bonacina e Mauren Rigo, resgata a recente trajetória dos veículos de imprensa em redes sociais no intuito de evidenciar transformações na linguagem e também alertar para riscos reais do jornalismo colaborativo.

O trabalho empírico *Que imagem*

precária é essa que surge nos jornais?, do mestrando Vinicius de Oliveira, debruça-se sobre a análise de imagens-flagrantes-amadoras, cada vez mais comuns desde o surgimento do primeiro aparelho de celular com câmera acoplada, em meados de 2000. Muito além do aspecto tecnológico, trata-se de um fenômeno social em que as pessoas estão acostumadas a vigiar e serem vigiadas 24 horas por dia, o que vai ao encontro das imagens flagrantes como “verdades” quase incontestáveis. O debate trazido por Rogério Christofolletti em *Privacidade: o que podemos esperar quando não podemos mais esperar?* articula-se à questão da vigilância, bem como ao monitoramento dos dados de cada indivíduo em ambientes em rede, problematizando as consequências ao negociar-se tão barato a privacidade, trocada muitas vezes em um clique que confere acesso a aplicativos gratuitos.

Como fica o ensino do jornalismo em meio às turbulências?, da doutoranda

Amanda Miranda e do mestrando Maurício Frighetto, aborda como futuros jornalistas estão sendo preparados para os novos desafios do mercado de trabalho, com vistas à aplicação das diretrizes curriculares propostas para os cursos de graduação em 2013.

Por fim, sem a pretensão de arriscar respostas definitivas, optando muitas vezes pelo caminho da experimentação, a obra serve como importante exercício de reflexão e atualização aos que se interessam pelas transformações atuais do jornalismo. Aos alunos de graduação, os textos tornam-se úteis por expor realidades e tendências que serão por eles experimentadas muito em breve. Aos investigadores acadêmicos, pontuam questionamentos aprofundados e trazem pesquisas e dados relevantes, ainda recentes sobre as diferentes mídias, públicos e empresas de comunicação, servindo como um interessante propulsor para novas reflexões.